



25 | 26. Acesso ao quarteirão | Interior de quarteirão
Esquema de quarteirão tipo. Esc. 1/5000

O interior de quarteirão do Rato:

Ao longo dos tempos o quarteirão em estudo teve ocupações diversas. A distribuição do solo foi sempre por lotes bem definidos pertencentes às infra-estruturas circundantes. Inicialmente após a solidificação do quarteirão, o interior era o local de cultivo. Hortas parceladas bem definidas povoavam aquele interior. Durante o séc. XIX, com a revolução industrial, as construções lá implantadas foram as mais diversas. Armazéns que serviam indústrias, habitação operária, que servia a fábrica das sedas, algumas plantações e anexos de habitações.

Actualmente, neste miolo coexistem um misto de construções desactivadas, estacionamento e vegetação. Os acessos fazem-se por três ruas distintas, um pelo largo do rato, através de um pequeno arco, a norte; outro pela rua da escola politécnica, devido à queda de um edifício, a este; e outro feito pela rua Tenente Raúl Cascais, a sul. Todos os acessos a este espaço interior são dotados de características diferentes. O primeiro bastante discreto mas numa zona bastante movimentada, outro maior e mais claro, numa zona igualmente movimentada, e o último, apesar de relativamente grande, está inserido numa zona mais recolhida da agitação, antecedido de uma zona de estacionamento.

Do interior deste quarteirão podemos retirar que ainda existe uma delimitação de lotes, ou seja, o cadastro existe ainda muito semelhante ao das antigas quintas.

Apesar da passagem do aqueduto por baixo do solo deste interior, verifica-se que a sua presença sempre foi discreta. Apesar da sua importância, nunca houve a necessidade de o tornar visível ou assinalar a sua existência.

2.3. Os interiores de Lisboa

Os miolos de quarteirão em Lisboa apresentam geometrias e ocupações bastante distintas. Estas diferenças de usos estão associadas à génese do quarteirão, de origem espontânea ou planeada, à dimensão e às necessidades de crescimento da sociedade.

Em quarteirões planeados, poderão estar definidos, à partida, os usos que os miolos terão. Exemplo disso é o planeamento dos interiores de quarteirão de Alvalade. No entanto, dado o predomínio dos quarteirões não planeados, Lisboa apresenta os miolos de quarteirão, ora bastante densificados, com construções obsoletas e solo impermeável, ora com espaços verdes, de vegetação selvagem que cresce em solos permeáveis e férteis. Esta disparidade de usos, sobretudo nos quarteirões não planeados, está patente no quarteirão do Rato (figura 26).

Através da figura 24, onde estão assinalados os interiores de quarteirão da cidade de Lisboa, identificamos as diferentes dimensões e geometrias de acordo com o padrão em que estão inseridos.

Dos exemplos apresentados, quarteirão da Baixa, Campo de Ourique e Alvalade, verificamos cronologicamente uma evolução sobretudo da dimensão do interior e do próprio quarteirão, assim como, os usos associados.

Do interior de quarteirão da Baixa Pombalina, desenhado nos finais do século XVIII (figuras 27 e 28) retira-se essencialmente a função de iluminação da fachada traseira, funcionando como um saguão. Reduzido e impermeável, de apenas dois metros de largo, não se pretendia que fosse visitável nem sequer pelos residentes.

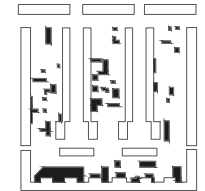
O Interior do quarteirão de Campo de Ourique (figura 29 e 30), do século XIX, apresenta já um interior de dimensões generosas, ainda de carácter privado, com logradouros pertencentes às habitações térreas. Pretendia-se que fossem interiores de solo permeável. Também estes interiores foram sendo ocupados, com estacionamentos e pequenos anexos das habitações e um caso de habitação



27 | 28. Interior de quarteirão.
Esquema quarteirão tipo. Esc. 1/2000



29 | 30. Interior de quarteirão
Esquema de quarteirão tipo. Esc. 1/2000



31 | 32. Interior de quarteirão
Esquema de quarteirão tipo. Esc. 1/2000

operária ainda existente. Actualmente o solo permanece permeável, sendo pontuais as ocupações que preduraram.

Em Alvalade, apesar do bairro se organizar segundo princípios modernos, a identidade de quarteirão é mantida, ainda que, de uma forma menos consolidada e bastante mais permeável que o habitual. Há o abandonar do traçado ortogonal, permitindo explorar todos os espaços da cidade. Existem um pouco por todos os quarteirões ligações pedonais, facilitadas através do atravessamento dos logradouros. Verificou-se uma tendência cada vez maior para a abertura destes interiores de dimensões generosas à cidade, que apresentam ruas interiores que os atravessavam. De fortes referências à cidade jardim, as principais preocupações centravam-se na criação de áreas arborizadas. As traseiras dos edifícios, ou seja, das células, não têm um desenho muito dispar das fachadas adjacentes. Estas, apesar de se relacionarem com um espaço mais privado, os respectivos logradouros e restante espaço comum de interior de quarteirão, promovem-no como se se tratasse de uma outra fachada, para ser vivida e não "omitida". A grande preocupação e inovação do plano foi a introdução de espaços destinados a hortas, muito pela condição das próprias habitações, destinadas a albergar população vinda do meio rural.

Actualmente, estes interiores de quarteirão são ainda cultivados. Noutros casos, estes estão ocupados com espaços que promovem trocas sociais, espaços verdadeiramente intergeracionais, onde moradores convivem e estão em comunhão com a natureza, participando de actividades lúdicas através das pequenas infra-estruturas existentes, como os campos de jogos, parques infantis, centros de dia, entre outros.

Todas estas infra-estruturas vão dotando os interiores de quarteirão do bairro de alvalade, impedindo contudo que outro tipo de usos, menos interessantes, se apropriem destes.

Figura 25. Acesso ao quarteirão pelo Largo do Rato Figura 26. Interior do quarteirão do Rato. Figura 27. Interior quarteirão da Baixa, requalificação pelos Arquitectos Alves Costa e Gonçalo Byrne. Figura 28. Esquema de ocupação do interior de quarteirão da Baixa. Figura 29. Interior de quarteirão de Campo de Ourique. Figura 30. Esquema de ocupação do quarteirão. Figura 31. Interior de quarteirão Plano de Alvalade. Figura 32. Esquema de ocupação do quarteirão.